

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

VICKY, TRAJETÓRIA TRANSNEGRA:

Discriminações e resistências

Joilson Santana Marques Júnior¹

Resumo: A discussão que pretendo suscitar com esse trabalho é a relação entre discriminação de diversidade sexual e de gênero e suas relações com o racismo atravessada pelo trabalho em uma perspectiva que mescla estudo de caso e história de vida com o que estou nomeando de relato ficcional, na medida em que, a história que abordo não trata de um caso específico, mas uma articulação de histórias de vida que conheci no trabalho como assistente social no Centro de Referência LGBT e no cotidiano dos espaços em que transito. Essa forma de análise tanto possibilita discutir as intersecções entre as diferentes faces da discriminação como de percebê-las no trajeto cotidiano dos sujeitos que a sofrem. Como uma inferência inicial pode-se conceber que os sujeitos vivem processos de discriminação de maneira integralizada, não obstante são os espaços que fragmentam essas discriminações, contudo elas atuam de maneira indivisível nos sujeitos. Isso se reflete também no mundo do trabalho suscita enormes, pois, ora essa população vai ser expulsa do mercado formal de trabalho, ora estará inserida nesse mercado das maneiras mais precárias, atingidas pela superexploração e uma série de discriminações, já que esta população permanece na clandestinidade distante do que se lê socialmente como “cidadão de bem”.

Palavras-chave: LGBTfobia, Racismo, Trabalho.

Estou procurando, estou tentado entender
O que é que tem em mim
Que tanto incomoda você
Mc Linn da Quebrada (Submissa do 7ºDia)

¹ Assistente Social, Doutorando em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Bolsista CNPQ; Mestre em Saúde Coletiva pelo IFF/FIOCRUZ; Pesquisador associado ao PROAFRO/UERJ Email:joutromundo2000@gmail.com

O estudo de caso é um recurso utilizado principalmente nas áreas de investigação da saúde, ciências humanas e sociais com o objetivo de analisar como certo caso pode se constituir de uma maneira singular, demonstrando novas possibilidades de construções sócio históricas e ou conjuntamente suas relações com alguns pontos universais. Ou seja, como relações macro se evidenciam naquele contexto micro, todavia cabe lembrar que esta inferência é uma interpretação à grosso modo desse procedimento de pesquisa.

Outra forma de encontrarmos o estudo de caso é no que tange a sua “aplicação” na rotina dos serviços de saúde, assistência, entre outros. Nesta circunstância utiliza-se do estudo de caso como ferramenta para que um conjunto de profissionais, possivelmente uma equipe interdisciplinar, possa se debruçar na tentativa de melhor compreensão do caso, assim como de entender suas injunções com outras dimensões da vida dos sujeitos para além da demanda que ele traz ao serviço. É uma tentativa de romper com a fragmentação e segmentação que precede o atendimento de modo geral nas políticas públicas, para tentar compreender o sujeito em sua integralidade busca-se uma melhor maneira de acompanhar aquele sujeito.

Evidentemente esta visão sobre o conceito também é uma escolha que faço embasada na vivência como assistente social, e particularmente atuando no Centro de Referência LGBT. Não tenho, portanto, a pretensão de encerrar o conceito, mas apenas de trazer uma “pitada” acerca dele. Quanto a história de vida, é também uma técnica que visa, principalmente, dar visibilidade a história de sujeitos oprimidos e subalternizados, sendo também um procedimento de pesquisa com um conjunto mais ou menos ordenado de diretrizes para a sua realização.

Do mesmo modo, este relato é também ficcional na medida em que não se constitui em uma história real, já que constitui um conjunto de características de diferentes situações e é organizada através da minha capacidade de contá-la, mas creio que ao final seja bastante próximo do que vemos cotidianamente. A questão é que minha discussão utilizará o recurso de um estudo de caso, mas não um caso concreto e sim a soma de características que pude observar ao longo de três anos de serviço no CRLGBT. É bem verdade que esta não foi minha única experiência profissional, mas com ela pude ver algumas questões com um nível de acompanhamento maior, então permitam que exponha meu caso ficcional. Gostaria que vocês imaginassem juntamente comigo.

Vicky é uma usuária que chega um pouco nervosa. Ela começa dizendo: “não quero ser prostituta”. Pedimos a ela que nos conte o que está acontecendo.

Ela relata que trabalhava em uma padaria e seus problemas começaram quando as pessoas – seus colegas de trabalho e seu chefe – começaram a perceber algumas pequenas mudanças no seu corpo sob o uniforme. Ela nos conta que começou a fazer uso de hormônios e continuou usando roupas “normais” no horário de trabalho, só utilizando outras roupas nas saídas, em outros momentos de sua vida.

Vicky nos conta que pôs um implante capilar: como era negra não dava para ficar com “aquele cabelo”. Como ela usava boné isso não seria problema, mas o chefe achou que esse era um problema bastante grave, achou que aquilo estava passando dos limites. Vicky não compreendia o que o seu cabelo tinha a ver com o que ela fazia que era, basicamente, atender os clientes da lanchonete e ainda por cima, ela usava boné. Tinha um loirão gostoso que tinha cabelos quase na altura do dela. Bem, seu chefe a chamou para uma conversa: “Escuta aqui, nessa loja não permitimos cabelos compridos.” Vicky reagiu, ainda que acanhada: “Mas o ‘Dinho usa!’” Então o gerente olha para ela e diz: “Você já viu algum negão nessa loja de cabelo grande? Isso é péssimo, dá uma impressão de sujeira!” Vicky então reage: “Mas é um implante e nem é ‘duro’, é só um pouco cacheado”. Seu chefe lhe diz: “Pior, você já viu homem de implante aqui? Olha Vicky, eu fingi que não vi essas coisas que você anda fazendo, mas entenda, minha lanchonete é lugar de família e você sabe que a maior parte de nossos clientes são cristãos. Então em nome da minha consideração por você, porque você trabalha direitinho, vou pedir que você volte amanhã sem esse negócio na cabeça.” Vicky então diz ao seu chefe: “Eu me demito. Não vou ficar aqui. O cabelo é meu, paguei com o meu dinheiro.” “Bem, eu sinto muito”, diz o chefe, “mas você sabe que tem muita gente lá fora precisando de emprego e que sabe se comportar”.

Vicky então, nos diz que agora, olhando para trás, percebe que fez uma burrada. Como podia ela ir contra o patrão que até estava a ajudando ao lhe dar aquele trabalho? Quando ela chegou na cidade, vinda do Nordeste, lutou muito até conseguir um emprego, e sair da casa da tia, que era muito severa, e não queria aquele sobrinho fazendo vergonha na rua. E só por um cabelo. Fica triste e diz que devia ter pensado melhor: “Eu moro sozinha, não tenho família para me sustentar e minha tia, do jeito que estou agora, nem fala comigo”.

Pedimos então que Vicky continue sua história de onde parou, ela recomeça:

- “Bem, depois que eu saí, comecei a tentar outros empregos, sempre disfarçando, até que consegui uma vaga de carregador em um estoque. Percebia uns risinhos, mas tudo bem, a gente sabe que as pessoas não gostam da gente, aliás eu sempre sofri com isso. No colégio eu era macaca preta, ao menos me chamavam no feminino. Então “zombar” é “normal” né, mas

o problema é que como sou negra me davam sempre mais carga e meus colegas sempre tinham uma piadinha para quando eu reclamava: “Porra negão, com um lombo desses!”, “Negão dois por dois e não aguenta um peso” “É viado mesmo”, e essas coisas. “Acho que em virtude do excesso de peso comecei a sentir fortes dores na minha coluna, mas como tinha muito medo de perder o emprego eu fui trabalhando assim mesmo, ainda mais que estava em experiência, a gente não pode nada na experiência; foi muito ruim porque as dores aumentavam, eu tomava uns chás...”

Interrompemos e perguntamos:

- Você procurou algum serviço de saúde?

Ela nos respondeu:

- “Como? Primeiro eu trabalhava de dia, o que tornava difícil ir no posto e da última vez que tinha ido foi muito ruim, o guarda riu da minha cara e a recepcionista ficou mangando depois que eu passei, sobre eu procurar o serviço de ginecologia ou de proctologia: “Porque os viados querem ser mulher e tomar uma dedada do médico.” A médica até foi legal, mas me disse que eu deveria parar imediatamente com aqueles hormônios. O que você acha que ela ia me dizer agora? Que eu estava com dor de coluna por causa dos hormônios.

- Depois de algum tempo, tive uma crise bem séria. Fiquei em casa sem nem mesmo poder andar, foi muito ruim. Quando voltei daqueles dez dias de atestado, o meu chefe disse que eu tinha que ver isso e tal. Eu disse que, talvez, se eu fosse para outro setor... então ele argumentou que isso não seria possível, eu tinha sido contratada para fazer aquilo. Aventurei a hipótese de uma vaga na recepção da fábrica que estava vaga, argumentando que eu já tinha trabalhado atendendo e que, além disso, eu tinha segundo grau, falava direito e não tinha sotaque. Ele então me disse: “Mas isso é vaga de mulher! Você não é mulher”. Fiquei pensando: “Por que que recepção é só para a mulher? Não entendo.” Na verdade, quando saía da fábrica a noite eu era mulher, mas se eu dissesse isso estava no olho da rua com certeza. Passado mais um tempo, veio um corte de funcionários, e me disseram que precisavam cortar pessoas. Tenho certeza que tinha a ver com o fato de que não podia mais ser burro de carga, mas enfim começaria uma nova busca.

- Só que eu estava cansada dessa história de duas vidas: para conseguir o trabalho na fábrica tive que tirar meu implante e passei a usar peruca. Meu primeiro chefe tinha razão. Então, decidi me assumir de vez, por “cabelão”, usar saia e tudo, mas, daí piorou. Arranjar trabalho virou um suplício só consegui ser vendedora de Avon, Natura, essas coisas, porque eles não se importam, mas o problema é que você não tem garantia de nada, se não vende não

ganha a tal comissão. A única coisa boa é que era um trabalho mais feminino, e isso me deixava feliz, mas não dava para pagar as contas direito e, ainda por cima, tinha cliente que desistia de comprar comigo quando percebia sabe? O dinheiro do seguro-desemprego acabou, fui tentar o bolsa-família e a assistente social disse que eu não tinha filhos, acho que ela queria dizer que eu não tinha família. Aliás, acho que nem ela acha que eu sou uma pessoa.

- Vou dizer uma coisa. Eu tenho umas amigas que se prostituem, eu não vou mentir para vocês, eu tentei, mas não gostei. É uma vida muito difícil, aquela coisa da rua, você é alvo de todo mundo, ninguém respeita, ninguém pensa que você tá ali para ganhar seu dinheiro como todo mundo. “Pô, você não tá roubando, não tá matando!”, mas é muito ruim e ainda por cima, vocês sabem, eu sou preta, você sabe que a gente não consegue espaço em certos lugares, um pouco melhor, então, não quero essa saída, e eu vim aqui para saber como vocês podem me ajudar?

A pergunta de Vicky suscita algumas considerações:

Não quero diluir a questão racial ou o racismo, mesmo porque a história de Vicky não permite, mas quero chamar atenção para o fato de que Vicky é alvo de racismo, discriminação de gênero, LGBTfobia, contudo, essas situações foram acionadas em diferentes momentos por quem as impetrou. Quando Vicky nos traz sua história esses aspectos são vividos integralmente, pois ao discutir Direitos Humanos, Trindade (2012) coloca como pauta central, a discussão de dimensões que compõe a vida do ser social. Nesse sentido, as dimensões raciais de sexualidade, gênero e classe são vividas por um mesmo corpo que se move através de diferentes espaços, esses profundamente segmentado e fragmentadores.

Vicky também nos traz os seus questionamentos sobre um mundo injusto onde ser negra ou negro significa ser ainda mais explorada ou explorado enquanto trabalhadora ou trabalhador. O que se espera de um negro ou negra, parafraseando Fanon (2008), trata-se de um olhar que considera esse outro negro a partir de uma síntese estereotipada que o confere um status de sub-humano e que remete ao lugar da coisificação e, portanto, de sua exploração.

Vicky também nos mostra como a divisão do sistema sexo-gênero está posta no trabalho: a tarefa de recepção, o sub-emprego através de revistas do tipo Avon e companhia, e toda sua propaganda em torno do trabalho realizado por mulheres, preferencialmente, e em algumas situações, exclusivamente, que existe desde os anos 1950, de maneira completamente precária e sem nenhum tipo de direito trabalhista, fato que, normalmente quando discutimos flexibilização do trabalho passa ao largo (MYIATA,2011).

Lembramos que Vicky deixa claro quem é o chefe: ele é homem, não sabemos se branco, mas creio todos tenhamos imaginado que sim. Vicky também nos fala da profunda chantagem acionada pelo desemprego: aquela ideia que a faz pensar no patrão como bom, o que inverte a lógica da exploração, nós não somos explorados, temos de agradecer ao patrão por nos dar um emprego. A evidência da lógica da exploração é suplantada pela lógica do favor, cada vez mais estimulada pela lógica neoliberal de transformar o emprego em uma espécie de “prêmio” a que o sujeito não só deve fazer jus, como deve sentir-se bem por ser humilhado e aviltado, terminando o dia com o sorriso no rosto (VIANA,2015).

Vicky nos suscita ainda outras questões: precisamos lembrar que sua identidade de gênero e sua sexualidade são fatores não só de uma discriminação no sentido abstrato, mas também interferem diretamente no acesso ou não ao mercado de trabalho e em sua permanência. Ora é a sua identidade feminina, ora é sua sexualidade, porque na fábrica as pessoas apenas achavam que ela era “viado”.

Por fim, Vicky nos traz a dimensão da prostituição e nesse lócus de trabalho ela vai nos falar, mais uma vez, de um trabalho precário, alvo de toda sorte de humilhações – e, vamos convir que a prostituição é historicamente associada ao feminino, não por acaso. O que ela diz é que, mesmo nesse lugar, a cor da pele influencia os pontos melhores ou piores. Banuth e Santos (2016), embora não estejam discutindo diversidade de gênero, reafirmam esse pressuposto ao discutirem a prostituição negra em São Paulo, comprovando a racialização desse espaço e a estratificação de classe a partir da cor.

Ao final, achamos importante deixar algumas questões baseados nessa breve incursão em uma vida: Podemos separar o modo atual de produzir, que é hierárquico e promotor de desigualdade, do incremento à opressão? É possível que tenhamos formas de lidar com isso sem questionar que os negros, LGBTs e mulheres irão trabalhar? Podem, infelizmente, jamais ter emprego, mas vão trabalhar e serão via de regra superexplorados, porque contra eles pesa não só o fato de serem trabalhadores, mas as suas marcas de diversidade.

Referências

BANUTH, Raquel de Freitas; SANTOS, Manoel Antônio dos. Vivências de Discriminação e Resistência de uma Prostituta Negra. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, n. 3, p. 763-776, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**.EDUFBA, 2008.

MIYATA, H. Trabalho, redes e territórios nos circuitos da economia urbana: uma análise da venda direta em Jundiaí e Região Metropolitana de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011. (Tese de doutorado).

TRINDADE, José Damião de Lima. Direitos Humanos para além do capital. In:FORTI, Valéria; BRITES, Cristina M. (Orgs). **Direitos Humanos e Serviço Social: Polêmicas, debates e embates.** Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2011.

VIANA, Silvia. **Rituais de sofrimento.** Boitempo Editorial, 2015.

TRAJECTORY TRANSBLACK: Discrimination and resistance

Abstract: The discussion that I intend to raise with this work is the relationship between discrimination of sexual and gender diversity and its relations with racism traversed by work in a perspective that I can say will mix case study and life history, with what I go to name a dose of fiction, as the story I'm going to bring is not a specific case, but a combination of life stories presented to me at work at the LGBT Reference Center and daily observation in that I transit This way of analyzing both makes it possible to discuss the intersections between the different faces of discrimination and to perceive them in the everyday path of the subjects who suffer it. As an initial inference it can be conceived that subjects live processes of discrimination in an integrated way, nevertheless they are the spaces that fragment these discriminations, yet they act in an indivisible way in the subjects, according to the question of the world of work raises enormous dilemmas for this population, because it will now be expelled from the formal labor market, or else it will be inserted in this market in the most precarious ways, more suffering the overexploitation and a series of discriminations, since there is a tacit understanding that this population must remain in the clandestinity away from the "good citizen" look.

Keywords: LGBTphobia, Racism, Work.

Recebido em: 16/06/2017

Aceito em: 26/06/2018